



**José Lourenço**

## Levantamento de rancho

Esta é uma expressão militar que tentarei justificar como título apropriado ao artigo de hoje.

Vou falar da Gripe A.

Num “olho clínico anterior” (“*Gambozinos*”) insurgi-me perante aquilo que parecia ser um branqueamento dos efeitos da Gripe A por parte de alguns jornalistas que, contrariamente à habitual especulação inflacionária dos factos, pareciam querer, também especulativamente, fazer diminuir o seu impacto.

Tal como no Budismo, pareceu-me ser sábio escolher a via do meio, quer dizer, não ser profeta da desgraça, mas também não passar cheques em branco, diabolizando Governos e Indústria Farmacêutica.

O caso recente de Valença e o aumento geral dos casos um pouco por todo o país prova isso mesmo.

As autoridades de Saúde, não só as constituídas, mas outras individuais de qualidade científica reconhecida, defendem as recomendações europeias (incluindo Portugal) sobre a validade da vacinação de acordo com as prioridades definidas, no conhecimento do princípio comum ao uso de todos os produtos: a avaliação do risco-benefício.

Claro que também nas terapêuticas, os doentes podem ou não cumprir a sua parte (ver “*O contrato*”), só que neste caso assumem a falência das prescrições, mesmo que elas comportem o tal risco comum a todos os fármacos.

Ou seja, uma pessoa eleita para ser vacinada contra a Gripe A pode recusá-la, mas cabe-lhe individualmente assumir as consequências da sua escolha.

Mas o que se tem passado é um bordel completo com médicos, enfermeiros e comunicação social a

questionarem a decisão na praça pública, minando a fé dos *pobres dos escolhidos* (efeito placebo) imprescindível até para tomar a mais vulgar mezinha. A atitude destes agentes de segunda, terceira ou quartas classes na hierarquia científica é um autêntico levantamento de rancho, pelo que estas declarações corporativas, tipo enfermeiros da linha Saúde 24, deveria ser entendida como algo punível por quem lhes paga o ordenado, já que é uma quebra na eficácia do Plano Nacional de Saúde previsto.

Num ano passado, recusei-me a fazer a vacina da gripe sazonal, talvez influenciado pelo facto de a mesma ter provocado uma ou duas mortes, salvo erro em Israel. Mas não pus anúncios nos jornais, nem fui para o Hyde Park Corner pregar a quem passava. Limitei-me a assumir a minha atitude.

Tal como noutros domínios, não nos governamos, nem nos deixamos governar.

Já agora, um agradecimento aos responsáveis do RCM que têm aqui disponível um arquivo do que vou escrevendo, o que permite seguir uma coerência que pretendo manter, a não ser que existem evidências que sugiram o contrário.

E as evidências neste caso, só podem vir das autoridades credenciadas.

*Sobre os Americanos, salvo o devido respeito à justeza de muitas das suas posições: o que eles questionaram não foi a vacina disponível na Europa, mas um adjuvante, por motivos históricos e fúteis nesta situação.*

*Para além disso, lembro-me da sua aprovação tardia em 30 anos do anti-arritmico Amiodarona®, por causa dos efeitos secundários e que os europeus usaram desde sempre.*

*As estatísticas disponíveis poderão demonstrar que esse atraso vitimou fatalmente mais americanos que aqueles que evitaram ficar com “depósitos na córnea”.* 🇵🇹